

GAZETA MERCANTIL

Sexta-feira, 30 de outubro de 1981

Economia - Brasil

A lenta retomada dos níveis de crescimento

Nota-se uma clara mudança de atitude por parte dos técnicos do governo. Há alguns meses, as informações sobre a retração de diversos setores da economia deixavam-nos absolutamente frios. Agora, ante as indicações de que o PIB deverá registrar este ano um crescimento em torno de zero, esses mesmos técnicos vêm insistindo em que já saímos do fundo do poço e em que a economia deve registrar uma certa reativação até o fim do ano.

Deveria concorrer bastante nesse sentido a nova tabela de desconto do Imposto de Renda na fonte, que entrou em vigor em outubro, permitindo um ganho real dos salários, mais notadamente nas faixas de renda média para cima. Isso, junto ao pagamento do 13º salário, que deve começar na segunda quinzena de novembro, daria à demanda um impulso suficiente para reanimar os empresários e engordar o produto.

Na realidade, os sinais de uma reativação, em outubro, ainda fo-

ram muito débeis. Tem-se notado, ao longo deste mês, um acréscimo no consumo, principalmente de bens essenciais, mas, mesmo assim, os níveis verificados nas compras feitas nos supermercados, por exemplo, são ainda bastante inferiores aos de outubro do ano passado.

Um dos setores em que a situação se mostra particularmente crítica é o da indústria eletroeletrônica, que apresenta um quadro de vendas uniformemente mau, não obstante a variedade de sua linha de produtos. O último levantamento relativo aos primeiros nove meses deste ano revela queda de 15% na venda de antenas; de 9% na de eletrodomésticos portáteis; de 10% na de eletrônicos domésticos; de 35% na de componentes eletrônicos; de 16% na de condicionadores de ar; de 12% na de fogões; de 13% na de refrigeradores; de 30% na de equipamentos elétricos para veículos, etc.

Pode-se alegar que já era previsto que esse setor, junto com a

indústria automobilística, deveria ser um dos mais afetados pelo desaquecimento. Mas convém não esquecer que, diferentemente da indústria montadora de veículos, o setor eletroeletrônico procurou adaptar-se aos novos tempos oferecendo preços e condições de compra mais favoráveis ao consumidor, merecendo por isso os elogios das autoridades. E, de fato, o entrosamento entre a indústria e o comércio especializado permitiu oferecer descontos aos consumidores e maiores prazos sem acréscimo de juros, o que possibilitou um desestoque bem considerável.

Paralelamente, também atento às recomendações oficiais, o setor procurou exportar o que pudesse. Este ano, as suas vendas externas, segundo estimativas da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), deverão alcançar US\$ 1,1 bilhão, representando um aumento de 38% em relação a 1980.

Apesar de tudo isso, a indústria este ano acusa uma redução de

20%, em média, na produção total, com reflexos diretos sobre os níveis de emprego. Os empresários da área esperam, evidentemente, maior movimento de vendas nestes últimos meses, mas estão convencidos de que ele não será intenso a ponto de marcar o início de um processo de reversão de tendência. Os mais otimistas calculam que somente em meados de 1983 é que a sua produção poderá retornar a um ritmo próximo ao de 1980.

Algo pode melhorar, admitem eles, se o governo tomar medidas para ativar seletivamente a economia, estimulando setores básicos, entre os quais a indústria eletrônica não se encontra. Mas consideram que, além da renda gerada por obras públicas, construção de casas populares, etc., a redução do desemprego, que poderá assim ser conseguida, exercerá um efeito revigorante sobre a economia que também lhes resultará benéfico. Mas, mesmo quanto a essa possibilidade, esses empresários são, em geral, céticos.